

TREINO DE FUTSAL

ATIVIDADE 4 - JOGO INESQUECÍVEL

Caio Ferraz Fonseca/ Número 5/ 3ªB

Este jogo não foi um jogo no Equipe ou do Equipe e sim em um acampamento que costumo frequentar nas férias de janeiro e julho. Eu consagradamente fui eleito o organizador oficial do torneio de futebol de lá; portanto, em todo início de temporada, junto com meu cooperador, o famigerado Geleia, consultamos a todos do acampamento para efetuar as inscrições e enfim montar os times e sortear os jogos que irão ocorrer. Como apenas apitar uma partida ao invés de jogar é uma tarefa tanto quanto chata, eu e o Geleia também jogamos em equipes distintas, para que, enquanto um joga, o outro possa apitar.

Não sei se é azar, mas eu sempre fico em um time que sofre e sofre para passar de uma única fase. Como o torneio em que esse jogo ocorreu era “mata-mata”, se você perdesse, estaria eliminado e teria de aguardar seis meses para tentar novamente a eterna consagração do título do torneio; se empatasse, era decidido por pênaltis. Este jogo aconteceu em julho de 2019. A minha equipe estava formada com Mococa, o artilheiro melhor que Gabigol; Pinguim, mais rápido que o Bale e mais técnico que o Ronaldinho; Rapunzel, a zagueira Wendie Renard da nova geração; a Agnes no gol, que não deixa passar nem vento; além de mim, que ficava na armação, tipo um Kaká (para você que o conhece tão bem, Chiquinho).

Sem dúvida foi uma das partidas mais eletrizantes da minha vida. O jogo começa e a nossa equipe parecia perdida em campo. Em um chute arrasador e colocado do meio de campo, logo depois da saída de bola, Mojang abre o placar para a equipe adversária, 1x0. Minutos depois, nossa equipe cria uma jogada à la Guardiola do Barcelona, e por pouco Mococa não empata. Tinha tentado mandar de cobertura, mas a bola subiu acima do travessão. Muita correria para os dois lados, Rapunzel e Pinguim seguravam as pontas na linha de defesa, e eu e o Mococa tentávamos de tudo para empatar, mas nada parecia adiantar; a outra equipe se fechava e só jogava nos contra-ataques, até que, no fim do primeiro tempo, Avatar, o mais alto do acampamento e quiçá do Brasil, em uma cobrança de escanteio cabeceia com tranquilidade e abre 2x0. O primeiro tempo acaba.

No intervalo, o time se reúne e chega à conclusão de que é tudo ou nada. Pinguim e Rapunzel teriam de subir para o ataque, se não, estaríamos perdidos. Começa o segundo tempo, dessa vez fui eu que tentei arriscar do meio de campo, mas mandei longe. Logo depois, após um ataque perigoso da equipe adversária que parou com uma “defesaça” de Agnes, a goleira sai rápido comigo que, em um lançamento, encontro Mococa de cara com o goleiro adversário, que chuta de primeira em um lindo voleio mas, no meio do gol, o goleiro espalma para escanteio. Com pressa, peguei a bola para cobrar e toquei rápido para a Rapunzel, que acaba se embolando com os zagueiros. A bola bate na canela de um, de outro, até que sobe no ar e Rapunzel, com um golpe de karatê, chuta a bola que, maravilhosamente, encobre todos da área,

incluindo o goleiro, e entra pra o fundo da rede: um gol de placa, 2x1. Ainda faltava um golzinho, que não veio muito mais tarde.

Agora quem estava perdido em campo eram eles. Após uma tabela minha com o Pinguim, que faz uma assistência magistral, encontrando novamente Mococa na cara do gol e que, desta vez, não desperdiça e bate colocando para o fundo da rede: 2x2.

Se o empate já não fosse suficiente, veio nossa virada. Nos últimos segundos da partida, cobro um lateral curto com a Rapunzel, que me devolve. Vieram os quatro jogadores de linha da equipe adversária tentar bloquear meu chute com carrinho e tudo. Eu poderia ter tentado achar o Mococa ou o Pinguim ou devolver para a própria Rapunzel, o que seria mais fácil. Mas fui “fominha” e chutei mesmo assim. A bola parecia que iria rasteira, mas foi subindo aos poucos e o chute cruzado passa justamente onde dava pra passar, bate na trave direita do goleiro adversário e entra: 3x2.

Com sofrimento e tudo, passamos para a próxima fase. No jogo havia torcida, em torno de catorze pessoas acompanhando esta partida épica, em um morro um pouco acima do campinho de futebol.

A minha reação foi de alegria, alívio, emoção e muitos outros sentimentos misturados, depois daquele jogo. Fomos para a merenda com um sorriso gigante no rosto e completamos as atividades do restante do dia felizes da vida. A lição que aprendi foi a mais clichê possível: Nunca desista, pois fácil não é, nem vai ser.

Catarina Ohl/ Número 4/ 2ªB

Acho que não tenho um jogo específico que foi meu preferido. Tenho algumas memórias muito boas, mas nenhuma delas está diretamente relacionada ao resultado de uma partida, ou a minha participação.

Nunca vou esquecer do meu primeiro jogo pelo Equipe, por volta de maio de 2015, no Palmares. Saímos da aula e fomos até lá de perua, à noite. Eu tinha feito só uns dois treinos, mas não era a única nessa condição. A Valê e a Alice estavam na mesma situação que eu. Eu estava muito nervosa, era meu primeiro ano no Ensino Fundamental II, então as meninas eram todas mais velhas e mais habilidosas. Mas estava animadíssima. Estar com aquele uniforme, com minha chuteira rosa e azul, novinha, jogando pela primeira vez num jogo de verdade, e não entre eu e meus primos.

Do jogo em si não lembro muita coisa, sei que o placar foi 3x2, mas não sei para quem. Lembro também da história da queda seguida de gol da Valê, mas acho que isso eu só sei de tanto que o Chiquinho fala... Mas lembro perfeitamente de estar esperando numa sala, num andar acima da quadra, enquanto as meninas mais velhas jogavam. Só aquilo já valeu o dia: só por ter participado daquilo com minhas amigas, eu já estava feliz.

Também foram inesquecíveis os jogos em Taubaté no ano passado, embora os resultados tenham sido ruins e o jogo “bem meia boca”. Foi minha primeira viagem do Ensino Médio, então eu estava feliz de qualquer jeito (claro, ganhar o campeonato teria sido mais legal, mas tudo bem). Eu estava me sentindo na seleção brasileira, indo viajar com meus amigos, todo mundo de uniforme, ganhando até shampoo.

Chiquinho já me disse que não vai ser se a gente ganhou ou perdeu que a gente vai lembrar no futuro, mas sim a experiência. Acho que isso é totalmente válido. Participar desse time desde o sexto ano foi uma das minhas melhores decisões. Já criei várias memórias e amizades através do futsal e do Rosinha.

Maio / 2020